

## Texto sobre o movimento das mães da Praça de Maio

[...] Era uma vez um país, uma cidade, uma praça, algumas mães... Las Madres de Plaza de Mayo! [...] Em 30 de abril de 1977 começaram a se reunir na praça mais conhecida de Buenos Aires, a mesma praça onde fica a Casa Rosada, o palácio presidencial argentino. Bem em frente à janela do ditador, ocuparam a praça pública, o local das grandes manifestações políticas. [...] Nada ou pouco sabiam sobre política, mas estavam determinadas a entregar uma carta ao General Jorge Videla, queriam saber o que se passava com os, como acreditavam até então, filhos detidos. [...] Os militares não as atenderam. Começaram a ser perseguidas, mas não se intimidaram com a pressão e o terror de Estado. Continuaram marchando e empunhando cartazes com as fotos dos filhos desaparecidos.

[...] O regime ditatorial impedia o agrupamento de mais de três pessoas, portanto, elas não podiam se reunir. Na praça, policiais temerosos de subversão, as obrigavam a andar em círculo. Num movimento de rebeldia, giravam no sentido contrário aos ponteiros do relógio. [...] Em outubro de 1977, resolveram se juntar a uma peregrinação a Luján que concentraria mais de um milhão de jovens. Porém, como encontrar-se e reconhecer-se na multidão? Usando lenços na cabeça. Mas quais e de que cor? Uma das Madres se lembrou das fraldas brancas que acalentaram seus filhos. [...] Esta marca, desde então, sempre as acompanharia. [...] Em dezembro do mesmo ano, começaram os sequestros e desaparecimentos de Madres e de seus parentes e amigos.

[...] O fim da ditadura trouxe outras tensões ao movimento, especialmente no que se refere à maternidade socializada. [...] o presidente Alfonsín propõe em 1985, uma reparação econômica às famílias dos desaparecidos e também a exumação dos cadáveres enterrados como não identificados. Um grupo descontente com esta posição se retira e funda a Associação Madres de Plaza de Mayo. A maioria permanece como Madres de Plaza de Mayo e não aceita a reparação, pois "só a verdade e a justiça podem reparar o terrorismo de Estado". Em meio a choros e desesperos, este grupo toma a decisão de rejeitar a exumação dos corpos. Como enfatizou uma das representantes das Madres, "aceitar esta morte sem que nos digam quem os matou, era assassiná-los de novo" (Madres de Plaza de Mayo, 1995: 71). [...] Nos anos que se seguiram, se politizaram ainda mais, adotaram posições políticas e falaram enquanto mães sobre o destino da sociedade. Denunciaram a anistia total acordada aos militares, assim como a emergência de "novos desaparecidos" [...] (Dangy, 2006).